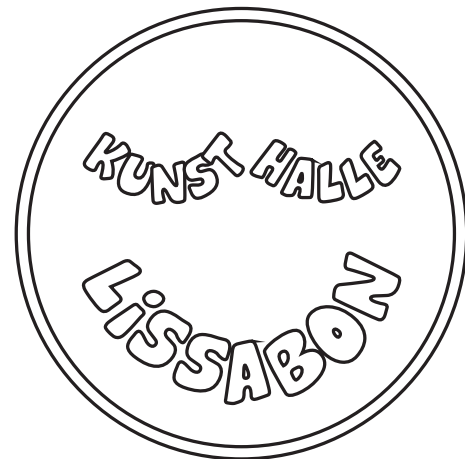


# QUINZE ANOS DE AMOR NA REPÚBLICA DOS PANGOLINS

com Ad Minoliti, Amalia Pica, Daniel Gustav Cramer,  
Flora Rebollo, Gabriel Chaile, Haris Epaminonda,  
Irene Kopelman, Jonathas de Andrade, Luís Lázaro Matos,  
Mariana Caló e Francisco Queimadela, Mounira Al Solh,  
Nuno Sousa Vieira, Sheroanawe Hakihiiwe, Sol Calero,  
Teresa Solar Abboud, Wilfredo Prieto curadoria FILIPA RAMOS



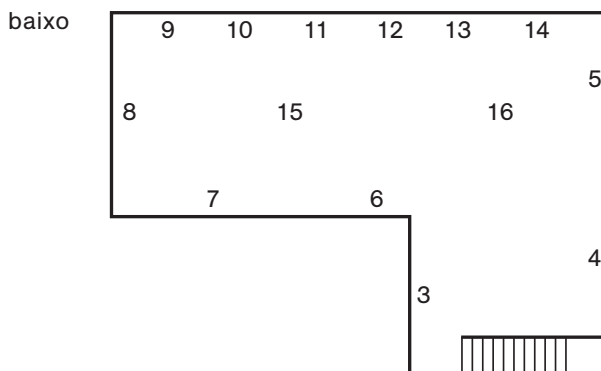
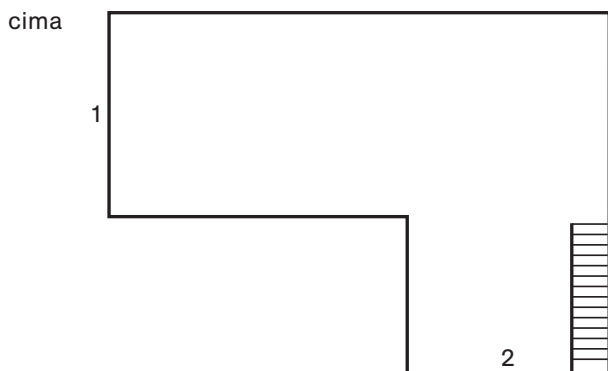
18.09.2024  
14.12.2024

Há quinze anos, quando a Kunsthalle Lissabon começou, o contexto em Portugal tornava poucos sonhos possíveis. Mas havia um desejo incrível de mudança e muito por fazer. Esses anos também testemunharam uma mudança geracional, caracterizada por um novo espírito de colaboração entre artistas e profissionais artísticos, unidos pela vontade de reafirmar o papel da arte na sociedade. Muitos artistas e curadores emergentes encontravam noutros lugares o que faltava em Portugal, questionando-se muitas vezes sobre o porquê de existirem tantos centros de arte ágeis lá fora, com um programa inclusivo, aberto à experimentação, divertido, inteligente e criativo, enquanto que, em Lisboa, tal coisa não passava de uma miragem. Foi então que surgiu a Kunsthalle Lissabon, que encontrou a sua casa num edifício deslumbrante mas degradado na Avenida da Liberdade, juntamente com uma série de outras iniciativas e estúdios de artistas com quem partilhavam o espaço. O resto é história.

Há quinze anos, quando a Kunsthalle Lissabon começou, fiquei irritada com o seu nome. A Alemanha, liderando a União Europeia, tinha imposto grandes restrições à economia portuguesa, colocando indivíduos, famílias, as artes, empresas e as finanças do país num estado de desespero. Não conseguia encontrar qualquer bom argumento para usar um nome com uma associação germânica, mesmo que o objetivo fosse preencher uma lacuna em Portugal e demonstrar que, às vezes, basta dizer que algo é verdade para que isso se concretize. Em 2009, Lisboa, Lisbo, Lissabon ganhou uma Kunsthalle, apesar de todos os contratemplos. Uma Kunsthalle que insistiu, persistiu, avançou, abraçou, lutou, dançou, explorou, inventou, apoiou, acolheu, foi acolhida e ajudou a fomentar e unir uma cena. Finalmente fiquei convencida.

Há quinze anos, quando a Kunsthalle Lissabon começou, não podia imaginar que estaríamos aqui, quinze anos depois, a celebrar a adolescência desta instituição que agora poderá talvez rebelar-se, descobrir os seus talentos ocultos ou enfrentar algumas turbulências emocionais, típicas da sua idade. Ou talvez fazer algo inesperado. Provavelmente devia dizer que mal posso esperar para ver o que os próximos quinze anos da Kunsthalle Lissabon irão trazer. Na verdade, não. O que mal posso esperar é para ver o que o João Mourão e o Luís Silva sentirão vontade de fazer nos próximos quinze anos. Este espaço é um produto de amor, do amor deles e do amor que criaram à sua volta, e é por isso que o título desta exposição fala de quinze anos de amor. Em primeiro lugar, o título alude ao amor deles, e depois ao nosso amor também, de nós, aqueles que foram tocados por e participaram nele. *Quinze Anos de Amor na República dos Pangolins* revisita a história da Kunsthalle Lissabon, apresentando o trabalho de dezasseis artistas que exibiram as suas obras ao longo destes anos, de 2009 a 2023. Estas quinze obras abordam expressões de amor e regeneração, que se revelam de várias formas, desde o afeto filial e a colaboração, a formas de solidariedade com pares e comunidades, manifestações de afinidade para com outros seres vivos, expressões de amor-próprio e cura, ou classificações taxonómicas de modalidades de comunicar e declarar amor.

Há quinze anos, quando a Kunsthalle Lissabon começou, o artista Luís Lázaro Matos ainda era um estudante de Belas-Artes. Nessa altura, ele não poderia ter imaginado que a bandeira da República do Pangolim, que criou mais tarde, em 2020, se tornaria uma realidade. O título desta exposição também celebra o facto de que o amor torna tudo possível e até Kunsthalls, até Repúblicas do Pangolim. Como se viu, por vezes basta dar um nome a algo para que isso se torne verdade. Assim como a Kunsthalle Lissabon cumpriu a sua missão auto-atribuída ao longo destes últimos quinze anos, estou quase certa de que a República do Pangolim está também prestes a ser formada.



01. Luis Lázaro Matos (Évora, Portugal, 1987)  
*Garage Party*, 2024  
 Pintura mural  
 Cortesia do artista

02. Mariana Caló e Francisco Queimadela (Viana do Castelo, Portugal 1984; Coimbra, Portugal, 1985)  
*Águas e Espelhos*, 2022  
 Estrutura de projecção em madeira e seda com filme, cor, 8'00"  
 Cortesia dos artistas

03. Flora Rebollo (São Paulo, Brasil, 1983)  
*Dança do Umbigo*, 2020  
 Tinta da china sobre papel  
 Cortesia do artista

04. Jonathas de Andrade (Maceió, Brasil, 1982)  
*Columbófilos (Fanciers)*, 2023  
 Vídeo, cor, 10'00"  
 Encomendado pelo Batalha – Centro de Cinema, Porto  
 Cortesia do artista

05. Mounira Al Solh (Beirute, Líbano, 1978)  
*مدّ لآب بآ حلاب – In Love in Blood*, 2024  
 Bordado e técnica mista sobre tecido  
 Cortesia da artista

06. Haris Epaminonda (Nicósia, Chipre, 1980)  
*Untitled (Landscape Studies)*, 2012  
 Filme, preto e branco, sem som, 5'56"  
 Cortesia da artista

07. Sheroanawe Hakihiiwe (Sheroana, Venezuela, 1971)  
*Hii hi henaki prererayoma (árbol sin hojas)*, 2021  
 Acrílico sobre algodão  
 Cortesia do artista e Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo / Rio de Janeiro e ABRA, Caracas

08. Ad Minolitti (Buenos Aires, Argentina, 1980)  
*Biology is Queer – Tribute to Lin May Saed*, 2024  
 Pintura mural  
 Cortesia do artista

09. Amalia Pica (Neuquén, Argentina, 1978)  
*Keepsake #9*, 2024  
 Algodão e lã sobre linho, 81,5 horas  
 Cortesia da artista e Herald St., Londres

10. Daniel Gustav Cramer (Düsseldorf, Alemanha, 1975)  
*Untitled (Sloth)*, 2012  
 C-print  
 Cortesia do artista e Galeria Vera Cortês, Lisboa

11. Irene Kopelman (Córdoba, Argentina, 1974)  
*Botryllus Painting – BU*, 2022  
 Acrílico sobre tela  
 Cortesia da artista e Galerie Jocelyn Wolff, Paris

12. Sol Calero (Caracas, Venezuela, 1982)  
*Dibujo 34*, 2018  
 Pastel de óleo sobre papel  
 Coleção privada

13. Teresa Solar Abboud (Madrid, Espanha, 1985)  
*Displacement figure*, 2024  
 Pastel e barra Conté sobre acrílico e papel  
 Cortesia da artista e Galeria Travessia Cuatro, Madrid

14. Wilfredo Prieto (Sancti Spiritus, Cuba, 1978)  
*Cien vueltas a su jardín*, 2020 (da série *Fake News*)  
 Acrílico sobre tela  
 Cortesia do artista e Prats Nogueras Blanchard, Barcelona / Madrid

15. Gabriel Chaile (Tucumán, Argentina, 1985)  
*Selva Tucumana*, 2024  
 Leitura de *Los Jóvenes olvidaron sus canciones o Terra de Fuego*, a film by Gabriel Chaile, por Andrei Fernández  
 Cortesia do artista e ChertLüdde, Berlim

16. Nuno Sousa Viera (Leiria, Portugal, 1971)  
*Opaco – Montagem final*, 2024  
 Construção do Estúdio de Som Compacto e Móvel que é apresentado e descrito no livro: (G.B. Weber, *Construções de Móveis Modernos*, Editorial Presença, 1980, pp. 99/108); usando placas de aglomerado de madeira folheado que fizeram parte da obra *Hole For All*, 2009 (*X-office For a Sculpture*, Kunsthalle Lissabon, 2009), MDF hidrófugo; pé de metal com rodas de uma cadeira de escritório da fábrica de plásticos SIMALA (ateliê do artista entre 2001/2021); ferragens; impressão a jato de tinta sobre papel de algodão (de duas vistas da divisória de escritório do espaço da primeira Kunsthalle Lissabon); tinta acrílica sobre cartão; exemplares do livro *Opaco* e um exemplar do livro *Construção de Móveis Modernos*



Biografias